



2. Povos originários, fonte do bem viver

É com alegria que partilho a vida missão neste painel, na Assembleia Eclesial e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade, porque em nosso continente somos povos, com culturas, línguas e cosmovisões diferentes. Mas algo nos une nesta imensa terra de *Abya Yala*, o cuidado e a defesa da mãe terra, para garantir vida as gerações presentes e futuras.

A América Latina e Caribe, na atualidade, é possível contar 826 povos indígenas nos diversos países. São mais de 45 milhões de pessoas, que se caracterizam por sua ampla diversidade demográfica, social, cultural e territorial, segundo dados da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). Somente na região Pan Amazônica, são mais de 490 povos e mais de 140 povos em situação de isolamento e risco de extinção.

A realidade dos povos originários, em todo o continente se apresenta com enormes desafios, desde o momento da colonização. O modelo predatório e tecnocrata, ameaça a vida de povos inteiros e da nossa mãe terra. São muitos interesses econômicos, que mercantilizam a vida, a terra e as pessoas. Não podemos esquecer, que muitos povos e culturas milenares foram exterminados. Mas, os povos originários, como nos indica o *Documento final do Sínodo da Amazônia* “são povos de antigos perfumes, que continuam a perfumar o continente contra todo desespero”.

Nossas raízes foram duramente machucadas, mas não arrancadas. Por isso, continuamos em luta, em resistência. Somos sementes teimosas e somos conscientes da grande responsabilidade que temos na igreja e no mundo. Temos uma sabedoria milenar e ancestral, que resistiu a todo projeto colonizador. Nossos povos abrigam as ‘sementes do Verbo’, presente nas diferentes culturas. Soubemos reconhecer a novidade do evangelho, numa proposta de vida para todos e todas, embora em muitos momentos a igreja tenha chegado com a cruz e a espada.

Falar das raízes culturais da América Latina e Caribe, é trazer para o centro da reflexão a riqueza e a diversidade que os povos originários são para este continente e para o mundo todo, fonte do bem viver, com sua rica biodiversidade, que abriga biomas, como a Amazônia, os Andes, Pantanal, a Savana, as Florestas Tropicais, as Pradarias e os Desertos, tão necessário para o equilíbrio da nossa casa comum.

Quatro questões para mim, são fundamentais para que nós os povos originários, possamos contribuir para processos comunitários e de inculturação da boa nova, como proposta do bem viver para todos:

- *Somos povos da alteridade.* O diferente numa sociedade homogeneizadora e colonizadora, como a sociedade ocidental, não aceita a diversidade, a pluralidade e a diferença. Isso representa para a sociedade capitalista uma ameaça a seu status quo. Nós, os povos originários, somos povos da diversidade, somos mais de 826 povos, com culturas, línguas, espiritualidades e cosmovisões diferentes, que nos respeitamos e apresentamos uma proposta de vida, pautada no bem viver.
- *Somos povos da reciprocidade.* A lógica da reciprocidade, potencializa as diferenças, promove relações equitativas entre ser humano e natureza, homem e mulher e etc., jovem, idoso e crianças, para vivermos a ‘sobriedade feliz’, viver com o necessário. As relações de reciprocidade que vivemos, é um empecilho para a sociedade de consumo, que mercantiliza a vida, as pessoas, as relações, a terra, a floresta, o ar, o conhecimento. Tudo é motivo para dominar.
- *Somos povos da integralidade / ecologia integral.* Antes que o conceito ecologia integral existisse, nós os povos originários já vivenciávamos no nosso cotidiano, no respeito a mãe terra. Sempre soubemos, que ‘se nós não cuidamos da terra, ela não cuidará de nós’, tudo está interligado e interconectado. Somos seres integral, dialógicos e interdependentes (somos ar, terra, floresta,



água, luz). Assim já dizia nossos antepassados. A terra é mãe, a água é o sangue da mãe terra, a floresta, os animais são os adornos, que faz nossa mãe ficar mais bela.

- *Somos povos da coletividade.* Somos povos que pautamos a nossa vida numa vivencia comunitária, no ‘caminhar junto’, como nos indica o momento que vivemos na igreja, caminhos de sinodalidade.

Escutamos a voz de Enerstina Makuxi, Terra Indigena Raposa Serra do Sol, Roraima – Brasil:

Faço esta breve reflexão, a partir da experiencia de vida e trabalho com diferentes povos, na defesa da vida, da terra e dos direitos, para mostrar que os povos originários na América Latina e Caribe, trazemos em nossas formas de vida, elementos importantes e contribuições, que apareceram no processo de escuta e que nos ajuda a sermos uma igreja viva, acolhedora e que caminha junto, para isso, é necessário: (1) Desaprender, aprender e reaprender, para superar qualquer tendência de modelos colonizadores que causaram danos no passado e possa continuar nos dias atuais; (2) ser igreja aliada dos povos originários, na defesa da vida, terra e dos direitos, disposta a acompanhar e a tecer redes defesa e promoção dos direitos humanos; (3) assumir a sobriedade feliz, o bem viver, na forma como nos relacionamos com os bens, para viver e garantir para as gerações futuras uma possibilidade de vida.

Trazemos a voz de Patricia Gualinda, do povo Pueblo Kichwa de Sarayaku:

Cuidar a casa comum, como um bem para toda a humanidade, recuperando a dimensão de sermos guardiã e guardiões do ‘jardim de Deus’. Precisamos assumir o cuidado da casa comum, numa dinâmica de ecologia integral. Estabelecer alianças, que permitam acompanhamento aos povos e comunidades indígenas em relação a seus direitos. Potencializar espaços formativos e informativos com relação

a temática de direitos humanos, territoriais e da terra. Respeitar as diferentes culturas, expressões de fé, teologias, espiritualidades, diferentes ministérios, numa dinâmica de interculturalidade. Inculturar a mensagem do evangelho, na liturgia, nos ministérios. Recuperar a dimensão horizontal da igreja, que une fé e vida, inclui os diferentes dons e carismas na igreja, numa vivencia de diferentes ministérios, sem exclusão de homens e mulheres, assumindo a dimensão ministerial e sinodal.

Que a Divina Ruah, os espíritos dos encantados e o espírito presente na Igreja nascente, nos dê o dom da escuta e do discernimento. *Kwalatero Manalem, kwalatero samalem* (vem espírito do sabiá, espírito de liberdade).

Ir. LAURA VICUÑA, ICF
Representante dos povos originários na
Conferência Eclesial da Amazônia